

Opinião



SAIBA COMO PARTICIPAR

85 3255 6104
FAX
85 3255 6139

opinio@opovo.com.br
www.opovo.com.br

Av. Aguanambi, 282
Joãoim Távora
Cep: 60055-402

PÁGINA 6 O POVO
FORTALEZA - CE, TERÇA-FEIRA - 20 DE AGOSTO DE 2013

EDITORA-EXECUTIVA: Daniela Nogueira | opiniao@opovo.com.br, danielanogueira@opovo.com.br

ARTIGOS

Indústria do concurso

Adísia Sá

adisiasa@gmail.com



Jornalista

Todas as minhas atividades profissionais foram conquistadas via concurso, do Colégio Estadual Justiniano de Serpa a professora titular da UFC, passando pela então Faculdade de Filosofia do Ceará, hoje integrante da Uece. Ao contrário do que há hoje, não me preparei nos "cursinhos", saí do Imaculada Conceição para os bancos da Católica, onde me graduei em Filosofia.

Isso aconteceu não só com os jovens de minha geração, permanecendo até o surgimento dos "preparatórios", ainda existentes. E com isso, o nascimento dos "cursinhos", alguns com estrutura da melhor qualidade, superando faculdades.

Por que a proliferação de

"cursinhos"? Os colégios não ensinam suficientemente? Por que os estudantes buscam esses cursos? Pelo baixo ensino da escola ou pela pressão dos cursinhos?

O certo é que está instalada a indústria do concurso. Uma forte prova está nos jornais: ofertas do mais caro ao mais popular.

Um ponto me chamou a atenção: fui informada de que alguns cursinhos pagam os estudos de alunos recrutados nos colégios particulares e/ou públicos (os alunos com notas ótimas e boas conhecidas dos cursinhos) a ali se matricular, gratuitamente, como forma de chamariz. Não entro no mérito desse esquema, considerando que na busca de "nome" esse tipo de "convocação" não é ilegal. Diria que é a competição sendo cada vez mais criativa, dentro, aliás, do sistema que nos norteia: o capitalismo.

O que me impressiona é a montada "indústria do concurso", a publicidade maciça buscando alunos com a promessa de "ensino de qualidade", "professores

escolhidos entre os melhores". E como o meio de ingressar no serviço público é o concurso, nada mais "legítimo" do que o bom preparo, ensino ministrado pela elite do magistério.

Há cursinhos e não considero esta manobra condenável - que "compram" o passe de professores, como ocorre com jogadores de futebol. Nada contra, considerando o sistema em que vivemos.

Ouvi de um professor - sério, competente - que sempre é assediado por cursinhos preparatórios de concursos, com propostas salariais tentadoras, para compor seu quadro. "Não sou mercadoraria em leilão", me disse.

O que posso sugerir é que o jovem estudante ou que projeta se submeter a concursos, que pesquise os cursinhos que aí estão, acompanhe o noticiário sobre empregos e não embarque no primeiro anúncio de "preparatórios": há algo mais nos ares do que avião de carreira.

ESCREVE ÀS TERÇAS

Agente de saúde, um "astista" do Cine Holliúdy

Mauro Oliveira

mauro.oliveira@fortalnet.com.br



Provedor da Livraria Raimundo de Chiquinha do Aracati

Poucas vezes me senti dentro de um filme. Uma delas em Veneza, um filme romance. Outra vez foi, recentemente, na favela da Rocinha a convite de uma amiga médica que trabalha no SUS. Um filme drama!

Meu coração "assulou" quando desembestei morro acima numa "guerra civil". Coloquei o "gibão" (teve tiroteio de noite) e acompanhei Raquel, agente de saúde do posto 199 do SUS-Rio, nas ruelas da Rocinha.

Eu controlava, vergonhosamente, meu estômago desobe-

diente que enguiava nas ruelas imundas, enquanto ela respondia com um sorriso sereno às ovações: Raquel, Raquel, Raquel...

Feito a "Gata cuidando das Galinhas contra o Barão" em Saltimbancos, Raquel lembrava à dona Marta a consulta de amanhã, reclamava do seu Geovani o exame esquecido. "Marquei sua preventiva: passa lá", gritava à Vera, filho a tiracolo, enquanto caminhava à casa de Seu Helano, onde tinha visita marcada... e cafezinho, na certa!

O contraste da favela com as mansões ao pé da Rocinha parecia uma ficção de Azimov. Difícil um ET acreditar que favela e mansão eram habitadas por semelhantes terráqueos. Lamentei minha Fortaleza, a maior concentração de renda do País e suas madames "ispilcutes" (she's pretty cute) e a cafonice provin-

ciana das "babás de brancos", os "boyzin" de carro importado que derrubam postes, os alunos outdoor "adestrados para vencer" que só conhecem Aldeota/aeroporto/Miami.

Ah, um dia com um agente de saúde! Foi um dia de Gilberto Freire: "Eu ouço as vozes... de um outro Brasil que vem aí mais fraternal mais brasileiro". Um país com vozes que desmatam "Sob a Sombra" (O POVO, 14/8/13), mas que também preservam vidas, como as de Raquel que continuam a ressoar na minha alma.

"Ó u mêi, macho" (Excuse me, Sir)! Entences este agente de saúde que o "caba do bem" Dr Carlile Lavor deu de inventar é um "Astista contra o Caba do Mal", como no Cine Holliúdy (recorde de bilheteria)? Sucesso nacional!! Armariiii, Suricate!

ESCREVE MENSALMENTE